



3342 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 12 - Currículo

A (Não) Presença da Inter/multiculturalidade no Processo de Formação Continuada
Maria Ivone da Silva - UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

A (Não) Presença da Inter/multiculturalidade no Processo de Formação Continuada

Resumo

Neste artigo discutimos os processos de formação continuada compreendido como um espaço/tempo de reflexão das – e sobre – as práticas educativas e conflitos produzidos no contexto escolar no sentido de orientar a (re) construção contínua de conhecimentos necessários para a atuação profissional e problematização dos valores e concepções de toda a equipe da escola na perspectiva da inter/multiculturalidade. A análise é resultado de pesquisa realizada – por meio de entrevistas semi-estruturada e observação participante. As entrevistas foram com professoras que lecionam no ensino fundamental, do primeiro ao oitavo ano, uma coordenadora pedagógica e um gestor em uma escola pública. E a observação participante aconteceu nos encontros de formação continuada com os professores da escola pesquisada. É uma pesquisa cuja abordagem é de natureza qualitativa, na perspectiva teórica da interculturalidade crítica. Ao problematizar os processos de formação continuada, seu espaço/tempo e formato estamos contribuindo para que o mesmo possa ser repensado a partir dos anseios das professoras e da inter/multiculturalidade.

Palavras chaves: Formação continuada. Inter/multiculturalidade. Diferenças.

A (Não) Presença da Inter/multiculturalidade no Processo de Formação Continuada

Resumo

Neste artigo discutimos os processos de formação continuada compreendido como um espaço/tempo de reflexão das – e sobre – as práticas educativas e conflitos produzidos no contexto escolar no sentido de orientar a (re) construção contínua de conhecimentos necessários para a atuação profissional e problematização dos valores e concepções de toda a equipe da escola na perspectiva da inter/multiculturalidade. A análise é resultado de pesquisa realizada – por meio de entrevistas semi-estruturada e observação participante. As entrevistas foram com professoras que lecionam no ensino fundamental, do primeiro ao oitavo ano, uma coordenadora pedagógica e um gestor em uma escola pública. E a observação participante aconteceu nos encontros de formação continuada com os professores da escola pesquisada. É uma pesquisa cuja abordagem é de natureza qualitativa, na perspectiva teórica da interculturalidade crítica. Ao problematizar os processos de formação continuada, seu espaço/tempo e formato estamos contribuindo para que o mesmo possa ser repensado a partir dos anseios das professoras e da inter/multiculturalidade.

Palavras chaves: Formação continuada. Inter/multiculturalidade. Diferenças.

1. Introdução

Sobre o lugar que a formação continuada ocupa lugar nas escolas Araujo (2015) arrazoar que ela está presente desde a década de 1980. Porém, é a partir da década de 1990 que as escolas a assumem como uma possibilidade de desenvolvimento para o professor, mas ainda centrada nos processos de ensino-aprendizagem. A formação docente instala-se na perspectiva da busca de construção, com os professores, de uma educação de qualidade. Em relação à escola pesquisada, qualidade é predominantemente entendida com significado muito próximo de melhoria na classificação nas avaliações em larga escala. Os resultados insatisfatórios exigem necessariamente repensar a formação de professores, tanto no que se refere à formação inicial, quanto no que tange à formação continuada, ressaltando-se aqui a importância da inclusão das questões culturais nesse processo formativo. (SANTIAGO, AKKARI e MARQUES 2013), (CANDAU 2016 e 2017), (FREIRE 1997) e (NÓVOA 1995, 2012, 2014).

Esses autores defendem que a formação continuada precisa favorecer e ampliar a reflexão para outras esferas, além do ensino - aprendizagem, onde está inserido o trabalho do professor, para que não aconteça a reprodução do sistema de exclusão. Araújo (2015, p. 63) diz que a exclusão “[...] vêm se instituindo historicamente, em uma sociedade marcada por tempos de incerteza e desigualdades sociais crescentes, isto porque a prática educativa não é descolada das outras práticas existentes no mundo, na vida real”.

Deste modo, neste artigo busco refletir sobre a (não) presença da inter/multiculturalidade nos processos de formação continuada analisando a voz de professoras – obtidas por meio de entrevista semi-estruturada - que atuam do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental em uma escola pública estadual, com o propósito de mostrar as práticas educativas e conflitos produzidos no contexto escolar no sentido de orientar a (re) construção contínua de conhecimentos necessários para a atuação profissional e problematização dos valores e concepções de toda a equipe da escola. Com base nos estudos da inter/multiculturalidade crítica compreendo que os processos de formação continuada ainda estão capturados pela lógica da monoculturalidade e da mesmidade. Ao problematizar os processos de formação continuada, seu espaço/tempo e formato penso estar contribuindo para que o mesmo possa ser repensado a partir dos anseios das professoras e da inter/multiculturalidade.

2 Formação Continuada e diferenças

Candau (2016) tem apontado a necessidade de um repensar da escola em todas as suas dimensões, desde o currículo, passando pelos processos formativos de professores até a elaboração de políticas

com o propósito de estimular a desconstrução de modelos forjados no seio da modernidade que têm contribuído para privilegiar a manutenção de desigualdades e injustiças sociais. A autora afirma “parece que há uma única e verdadeira maneira de se pensar a escola, seus espaços e tempos, sua lógica de organização curricular, sua dinâmica e, até mesmo, sua decoração e linguagem visual”. (CANDAU, 2016, p. 807).

Tensionar a lógica homogeneizadora da escola pontuada por Candau (2016) exige que a escola reconheça sua comunidade interna como aqueles que possuem uma história de vida em construção, conforme Cortesão (2005), ela precisa pensar o professor também como sujeito com uma história de vida individual e profissional em construção. Assim, ao priorizar a formação continuada de forma padronizada, a escola vai contribuir para que o professor perceba o aluno a partir desta lógica. Se o professor compreender que, para a escola, o importante é alcançar índices elevados nas avaliações, ele vai se sentir impelido a que seus alunos alcancem a meta proposta. O aluno que não estiver formatado nessa perspectiva vai ser rotulado como “aquele que não quer estudar”, e tomará parte no grupo dos excluídos. É um processo muito próximo do que Freire (1997 denominou de “educação bancária”, e na qual, segundo Penna (2014),

Não há um processo dialógico no qual são questionados ou problematizados determinados temas. Os temas são passados na forma de depósitos bancários, depositados como verdades inquestionáveis e legitimados pela autoridade do educador contraposta à suposta ignorância do educando. (PENNA, 2014, p. 187).

Penso que a formação continuada de docentes deve estar articulada ao contexto e aos objetivos da escola, mas, para produzir resultados mais justos e democráticos, deve estar atenta aos alunos e docentes. Concordo com Araújo (2015, p. 67) quando este defende que “[...] se a formação continuada não criar condições para a humanização e crescimento integral dos professores, essa não se constitui em prática de formação humana”.

3 Processo de Formação Continuada – a (não) presença da inter/multiculturalidade

A professora Leila, ao ser questionada sobre as temáticas predominantes nos encontros de formação continuada, respondeu: “Avaliação, processo de como preparar as aulas, as provas, o que pode e o que não pode”. A professora Milena afirmou que as temáticas mais estudadas são o “projeto político - pedagógico da escola, as avaliações, conselho de classe ou sobre outros documentos da escola”. Como já dito, a temática da avaliação é recorrente na fala dos professores entrevistados, explicitando a captura da educação pública pela lógica da meritocracia. Imbernón (2009, p. 14) aponta a necessidade de ruptura com essa forma de pensar para aprender a ver e ouvir outras vozes:

A educação e a formação de professores devem romper essa forma de pensar que leva a analisar o progresso e a educação de modo linear, sem permitir a integração de outras formas de ensinar, de aprender, de organizar-se, de ver outras identidades sociais, outras manifestações culturais e ouvir-se entre eles e ouvir outras vozes, marginalizadas ou não.

É nesse sentido que sublinho “a necessidade de professores com consciência e perspectivas multiculturais”. (MOULE, 2008, p. 76). Candau (2016) lembra a necessidade de preocuparmo-nos com a formação de professores para a criação de espaços plurais inter/multiculturais, de maneira que os docentes possam enxergar as diferenças não como déficit, mas como vantagem pedagógica, o que não é possível se não houver o confronto e a reflexão sobre a própria prática, a experiência e o ser do

professor. Deve haver um espaço onde o professor possa questionar e questionar-se, confrontar seu conhecimento com sua prática e permitir-se transformar, reconstruir a si mesmo e reinventar a sua atuação. Candau (2016, p. 815) contribui aqui com seu pensamento:

Para o desenvolvimento de uma educação intercultural, é necessário trabalhar o próprio olhar do/a educador/a para as questões suscitadas pelas diferenças culturais, como as encara, questionar seus próprios limites e preconceitos e provocar uma mudança de postura. Somente assim ele/a será capaz de desenvolver também outro olhar para o cotidiano escolar.

A formação continuada surge como o espaço/tempo para que o professor possa refletir sobre suas experiências e novos conhecimentos. Esse é o elemento potencializador para que o professor discuta e questione as diferenças e a inter/multiculturalidade. É impossível trabalhar com essas questões se o professor não tem espaços de formação continuada na escola onde possa dialogar sobre isso, considerando-se que, para a construção de qualquer proposta no sentido de reinventar a escola e as práticas pedagógicas, é necessário reconhecer a importância da formação continuada. Defendo que a formação continuada é um espaço de relevância fundamental para a gestão e os professores da escola.

Considero, então, que a inter/multiculturalidade constitui discussão necessária para lidar com as múltiplas diferenças na escola. Questionei os professores se a inter/multiculturalidade era um tema discutido nos encontros de formação continuada. A professora Marta respondeu que sim, que a escola discutia muito, dizendo que a cada ano a unidade escolar recebia alunos diferentes. A fala da professora, confirmando a presença da questão inter/multicultural, mostra que a escola tem uma preocupação com as questões relacionadas às diferenças, mas as diferenças percebidas geralmente reduzem-se aos diferentes ritmos de aprendizagem, às razões por que uns aprendem e outros não. Desconsideram-se as esferas sociais e culturais das crianças, e atribui-se às crianças e às famílias grande parcela de responsabilidade pela não aprendizagem.

As professoras dos anos iniciais – Marta, Laura, Maria, Leila e Lúcia – afirmaram que a temática das diferenças e da inter/multiculturalidade tem sido considerada e discutida nos encontros de formação continuada e destacaram que trabalham com a temática em sala de aula para mediar conflitos, conforme relata a professora Maria:

Então, desde pequenininho, ali do segundo ano do ensino fundamental, eu trabalho isso daí com eles, o respeito. Em primeiro lugar, vem o respeito pelo ser humano. Então, se é homossexual, se ele é negro, isso daí não importa para a gente de forma nenhuma.

Dessa forma, compreendo que a construção de uma proposta inter/multicultural de formação docente pode orientar a desconstrução de práticas discriminatórias e contribuir para uma escola culturalmente mais justa e democrática. É importante notar que os professores dos anos iniciais tiveram em anos anteriores outro espaço/tempo de formação continuada, o *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC). Este, *como esclarece Amaral (2015, p. 128), é um programa, segundo a Portaria n. 867, de 4 de julho de 2012 do Ministério da Educação (MEC), [que] tem como principal finalidade alfabetizar todas as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, o que corresponde ao 3º ano do Ensino Fundamental*”. Esse espaço formativo não foi observado no decorrer de 2016, pois não foi ofertado nesse ano, mas reiniciou em 2017.

Em relação aos professores dos anos finais, as respostas apontaram divergências na compreensão da temática. Embora a grande maioria afirme ter participado de todos os encontros oferecidos, alguns apontaram ter discutido a temática nos encontros de formação continuada, mas outros afirmaram não ter. Quando questioneei a professora Márcia se a dimensão cultural (inter/multiculturalidade) havia sido discutida na formação continuada, ela afirmou que não.

A professora Milena reafirmou o que, de outro modo, outros professores e professoras já haviam respondido:

Geralmente, já vem um tema pronto que a Secretaria de Estado de Educação manda. Das formações que eu participei, teve uma que explicou sobre interdisciplinaridade; não houve nenhuma que trabalhasse aprofundado sobre as diferenças, o que é nossa realidade. (MILENA).

Aponto também a fala da professora Vanda, que afirma não se lembrar de ter discutido a temática. Assim, compreendo que os professores estão vivenciando uma realidade marcadamente plural e, conforme afirmado acima, não se sentem preparados para discutir as temáticas que emergem, até mesmo para mediar os conflitos oriundos dos encontros e confrontos entre as diferenças sexuais, étnico-raciais, sociais e culturais, entre outras. Essa ausência de discussão reflete-se na prática do professor, que não consegue dialogar com o aluno. Diz a professora Marta: “A maior dificuldade é quando o professor não consegue dialogar com o aluno”.

O professor é um sujeito formado numa perspectiva como a descrita em pesquisa realizada por Jesus em 2016 (p. 113), na qual ela afirma: “Fui formada e formei para o cumprimento ortodoxo de um currículo prescritivo e didactizado, que pouco ou nenhum espaço me oferecia para me assumir como verdadeira profissional de educação”. Esse espaço/tempo também é negado a uma grande parte dos professores, que se sentem desafiados e temerosos para propor processos educativos diferentes por não conhecerem outras teorias e práticas e pela necessidade de ensinar alunos para produzir resultados nas avaliações em larga escala.

A professora Ana contou que a escola, nos encontros de formação continuada, não trabalha a questão das diferenças; que existe discussão entre os professores em outros momentos, mas formação continuada para discutir essa temática, ela não teve nenhuma. A docente comentou sobre a necessidade de discutir a temática, pois, segundo ela, os professores estão “meio perdidos, inseguros”, sem saber como agir nas e com as situações que se apresentam no cotidiano. Magalhães e Azevedo (2015, p. 18) escrevem que “os professores têm sido, cada vez mais, destituídos de autonomia que lhes permita refletir, criar, inovar o processo de ensino aprendizagem junto a seus alunos e a partir de contextos próprios”.

Entre as falas dos professores que responderam que a temática da inter/multiculturalidade é discutida nos encontros de formação continuada, pode-se trazer a da professora Milena:

A gente discute porque praticamente todo assunto leva a isso. Se a gente for discutir sobre a prática na escola, a gente acaba chegando nisso, mas não que seja o tema específico das formações. Geralmente, os temas são voltados para avaliação, planejamento, são temas que já vêm postos para a gente fazer os estudos, mas geralmente os estudos acabam abordando a temática. (MILENA).

Como esclarece a professora Milena, a escola não propõe uma discussão específica sobre a temática, mas a prática pedagógica e o processo ensino aprendizagem desafiam e direcionam os questionamentos para a temática das diferenças. A professora Luana diz que essa temática está presente nas formações continuadas, o que considera importante porque a escola recebe pessoas de outras regiões, além de crianças com deficiências. Segundo disse, a escola trabalha com as diferenças no sentido de aceitação. Para Candau (2016, p. 809), a questão das diferenças nas escolas “[...] é frequentemente associada a um problema a ser resolvido”.

Professores comprometidos com uma educação que busca a construção da justiça social e da democracia têm apresentado questionamentos não só ao currículo construído predominantemente a partir de lógicas monoculturais, como também às esferas políticas, sociais, econômicas e culturais, entre outras, responsáveis por sua produção, visando desconstruir práticas preconceituosas de inferiorização e subalternização que permeiam as relações sociais.

Algumas considerações

Por meio dos relatos dos professores, constata-se a presença ainda tímida das discussões inter/multiculturais nos encontros de formação continuada realizados pela escola com data agendada no calendário escolar, de caráter obrigatório. As temáticas dos encontros não são selecionadas pelos professores, deixando de lado o processo reflexivo deles, que figura nesse espaço mais como executores de tarefas.

Perceber-nos como seres em incompletude radical provoca-nos a buscar espaços para ressignificar nossos valores, analisá-los crítica e rigorosamente e tornarmo-nos pessoas abertas à nossa própria transformação. Cabe sermos mais críticos para compreender que a formação docente e o diálogo na perspectiva inter/multicultural só podem acontecer onde houver respeito pelo outro.

Assim sendo os processos de formação docente necessitam ser desenvolvidos, considerando os contextos nos quais estamos inseridos, respeitando a pluralidade de culturas e as organizações que neles tomam parte. Defendo a ruptura com práticas e processos estruturados de forma rígida com base em modelos prontos de conhecimentos, a fim de repensar uma proposta inter/multicultural de formação continuada de docentes. Para que isso ocorra, a formação continuada deve ser discutida com os professores democraticamente a partir dos temas, autores e calendários indicados pelos professores, considerando que não é possível construir uma educação democrática e emancipatória fora dos espaços democráticos.

Referências

AKKARI Abdeljalil; SANTIAGO, Mylene Cristina. Diferenças na educação: do preconceito ao reconhecimento. **Revista Teias** v. 16, n. 40, p. 28-41, 2015.

ARAÚJO, Clarissa Martins de, ARAÚJO, Everson Melquíades e SILVA, Rejane Dias da. Para pensar sobre a formação continuada de professores é imprescindível uma teoria crítica de formação humana. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 35, n. 95, p.57-73. jan/abr., 2015.

CANDAU, Vera Maria. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46 n.161 p. 803-820 jul./set. 2016.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Formação continuada de professores/as: questões e buscas atuais. **Nueva América**. Edição Disponível em: . Acesso em: 21 abr. 2017.

CORTESÃO, Luiza. Professor: Produtor e/ou tradutor de conhecimentos? Trabalhando no contexto do arco-íris sociocultural da sala de aula. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 719-735, set./dez. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

JESUS, Maria Sousa. Repensar o currículo como emancipador. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 9, n. 18, p. 111-120, jan./abr. 2016.

MAGALHÃES, Lígia Karan Corrêa, AZEVEDO, Leny Cristina Soares Souza. Formação Continuada e suas implicações: entre a lei e o trabalho docente. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 35, n. 95, p. 15-36, jan.-abr., 2015.

MOULE, Jean. Justiça social na formação docente: fardo invisível para o professor de cor. In: DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio (org.). **Justiça social: desafio para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2008. p. 75-103.

NÓVOA, Antônio. Devolver a formação de professores aos professores. **Cadernos de Pesquisa em Educação** – PPGE/UFES, Vitória, ES. A. 9, v. 18, n. 35. jan./jun. 2012.

PENNA, Camila. Paulo Freire no pensamento *decolonial*: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista de Estudos & Pesquisas sobre as Américas**, v. 8, n. 2, 2014, p. 181-199.

SANTIAGO, Mylene Cristina; AKKARI, Abdeljalil; MARQUES, Luciana Pacheco. **Educação Intercultural**: desafios e possibilidades. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

ZEICHNER, Kenneth M. Formando professores reflexivos para uma educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (Orgs.). **Professora pesquisadora**: uma práxis em instrução. Rio de Janeiro: DP7A, 2002. p. 25-52.